



OS ÂNGULOS DA CASA QUE HABITA EM MIM: A POÉTICA DE HIRONDINA JOSHUA

*THE ANGLES OF THE HOUSE THAT LIVES IN ME: THE POETRY OF
HIRONDINA JOSHUA*

*LOS ÁNGULOS DE LA CASA QUE HABITA EN MÍ: LA POESÍA DE
HIRONDINA JOSHUA*

Jairo da Silva e Silva¹

Maria D’Ajuda Alomba Ribeiro²

RESUMO:

Entre quatro paredes. Entre sala, quarto, escadas, corredor, cozinha, varanda e banheiro, Hirondina Joshua (2017) tece *Os ângulos da casa*, conduzindo-nos subjetivamente para a casa que habita em nós. E essa é a pretensão deste texto: refletir sobre como os sentidos intimistas da poética dessa jovem escritora moçambicana se revelam como uma vivência para além do espaço físico habitado, abrindo-se à moradia dentro e fora de si; ou conforme crava Mia Couto (p.7): “afiar a palavra na pedra, aguçar o murmúrio que, na aparência doce, redesenha com uma lâmina o seu mundo interior”; ou ainda noutro dito: “o poeta fala das coisas que são suas e de seu mundo, mesmo quando nos fala de outros mundos” (PAZ, 1996, p.54), inclusive o nosso. Em suma, será analisado o ser em edificação enquanto espaço privilegiado de constante construção, lapidado pela poesia, também.

PALAVRAS-CHAVE: poética, Hirondina Joshua, *Os ângulos da casa*.

1 Docente do Instituto Federal do Pará, Mestre em Letras pela Universidade Federal do Pará, doutorando em Letras na UESC. E-mail: jairo.silva@ifpa.edu.br

2 Docente da *Universidade Federal de Roraima (UFRR)* e Professora Emérita da *Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC)*. E-mail: profdajuda@gmail.com



ABSTRACT:

Between four walls. Between living room, bedroom, stairs, hallway, kitchen, balcony and bathroom, Hirondina Joshua (2017) weaves “Os ângulos da casa”, subjectively leading us to the house that dwells in us. And this is the pretension of this text, to reflect on how the intimate senses of the poetics of this young Mozambican writer reveal themselves as an experience beyond the inhabited physical space, opening for the dwelling inside and outside itself, or according to Mia Couto (p.7) “To sharpen the word in the stone, to sharpen the murmur that sweetly redraws its inner world with a blade,” in another said, “the poet speaks of the things that are his and his world, even when he speaks of others worlds” (PAZ, 1996, 54), including ours. In short, will be analyzed the uplifting being as a privileged space of constant construction, stoned by poetry, too.

KEYWORDS: poetic, Hirondina Joshua, Os ângulos da casa.

RESUMEN:

Entre cuatro paredes. Entre la sala, el dormitorio, las escaleras, el pasillo, la cocina, el balcón y el baño, Hirondina Joshua (2017) teje “Os ângulos da casa”, llevándonos subjetivamente a la casa que habita en nosotros. Y esta es la pretensión de este texto, reflexionar sobre cómo los sentidos íntimos de la poética de esta joven escritora mozambiqueña se revelan como una experiencia más allá del espacio físico habitado, abriéndose a la morada dentro y fuera de sí misma, o según Mia Couto (pág. 7) “Afilan la palabra en la piedra, aguzar el murmullo que, aparentemente dulce, vuelve a dibujar su mundo interior con una cuchilla”, o en otro dicho, “el poeta habla de las cosas que son suyas y de su mundo, incluso cuando habla de otros mundos” (PAZ, 1996, 54), inclusive el nuestro. En resumen, será analizado el ser en edificación en tanto que espacio privilegiado de construcción constante, lapidado, también, por la poesía.

PALABRAS-CLAVE: poética, Hirondina Joshua, Os ângulos da casa.

Uma das escritoras que tem alcançando um espaço privilegiado de atenção na poética contemporânea em Moçambique é a jovem autora Hirondina Joshua. Nascida no ano de 1987 em Maputo, capital do país, 30 anos depois estreia no Brasil com a publicação de *Os ângulos da casa*, obra poética que se constitui como objeto de estudo deste artigo, o qual está estruturado da seguinte maneira: considerações baseadas em conceitos de teoria literária, especialmente, reflexões sobre a compreensão da poesia contemporânea a partir do pensamento de Octavio Paz (1984, 1996); apresentação da autora e da obra em epígrafe; e, na derradeira seção, um gesto de análise da poética de Hirondina Joshua em *Os ângulos da casa*.

A começar pelo baldrame: edificando a casa a partir de conceitos de Octavio Paz

“Hirondina chegou. E a poesia já estava nela.” (JOSHUA, 2017, p.7). Assim finaliza Mia Couto seu prefácio ao livro *Os ângulos da casa*, ao nos apresentar a poetisa Hirondina Joshua. E, como pontuou no início de seu texto, Couto afirma em relação à Hirondina que sua “poesia de natureza pessoalíssima” demarca a intenção primeira de qualquer poeta: alcance de sua própria voz. No entanto, antes de adentrar ao universo da poética de Joshua, consideramos oportuno tecer breves considerações, porém relevantes, sobre a constituição da poesia contemporânea; para tanto, recorreremos ao poeta e ensaísta mexicano Octavio Paz.

Dentre suas obras, talvez *O arco e a lira* (escrito em 1955 e reeditado em 1967; aqui, utilizamos a edição de 1984) seja a opção mais profícua para compreender a noção de poética para o autor. Nesse livro, Paz busca explicar tanto a origem dos poemas quanto a relação da história e do poeta com a poesia, bem como entender as origens e o significado da inspiração. Destarte, ele relaciona suas reflexões teóricas com suas experiências pessoais para explicar a literatura pelo ponto de vista da poesia – entendida como fundação da própria sociedade.

A poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. [...] Isola; une. Convite à viagem; regresso à terra natal. Inspiração, respiração, exercício muscular. [...] Expressão histórica de raças, nações, classes. Nega a história: em seu seio resolvem-se todos os conflitos objetivos e o homem adquire, afinal, a consciência de ser algo mais que passagem. (PAZ, 1984, p.15)

Paz expressa a definição de poético relacionado à poesia; segundo ele, a experiência é a poesia e, o poético, a multiplicidade de conteúdos. A poesia está para além das condições materiais de corpo e alma, ou para além de quaisquer outros pares binários, como bem e mal, por exemplo. Ao apresentar a poesia em seu trato com o poema, Paz levanta as seguintes questões:

Há um dizer poético – o poema – irredutível a qualquer outro dizer? O que dizem os poemas? Como se comunica o dizer poético? [...] Se é certo que em toda tentativa de compreender a poesia se introduzem resíduos alheios a ela – filosóficos, morais ou outros -, também aquilo que é o caráter suspeito de toda poética parece como que redimido quando se apoia na revelação que, em certo momento, durante algumas horas, um poema nos proporcionou. (PAZ, 1984, p.30-31- grifos nossos)

Perante a dificuldade de responder a estes três questionamentos principais sobre a essência do fazer poético – grifados na citação anterior –, sob uma tentativa de resposta, o autor divide

O arco e a lira em três partes principais: o poema, a revelação poética, a poesia e a história.

Paz nos convida a conhecer o *ser* da poesia mediante o trato com o poema. Ao indagar ao poema pelo *ser* da poesia, distingue o poema do poético; enquanto o primeiro pode ser compreendido a partir de sua construção sob as formas de suas materialidades literárias, como métrica, rimas, estrofes, por exemplo, o que o tornará poético não são estes elementos constituintes, mas o fato de ter sido atravessado pela poesia: “Cada poema é um objeto único, criado por uma ‘técnica’ que morre no momento exato da criação. A chamada ‘técnica poética’ não é transmissível porque não é composta de receitas e sim de invenções que só servem ao seu criador” (PAZ, 1984, p.25). Sendo assim, ratifica-se que a poesia não está na métrica, na composição dos versos, mas na condição que lhe cabe ao tocar o homem em sua profunda consciência.

Ressalta-se que, para a natureza do poema, seus componentes são imprescindíveis. Na primeira parte de *O arco e a lira*, Paz discorre sobre a essência do poema, diferenciando o verso da prosa, e analisa seus elementos constituintes: a linguagem, o ritmo e a imagem.

Sobre a linguagem, diz o poeta: “O homem é homem graças à linguagem, graças à metáfora original que o fez outro e o separou do mundo natural. O homem é um ser que se criou ao criar a linguagem. Pela palavra, o homem é uma metáfora de si mesmo” (PAZ, 1984, p.41-42), e o poema é o encontro entre a poesia e o homem. Esclarece Paz que o homem não consegue escapar à linguagem, pois a palavra o constitui enquanto homem; afinal de contas, somos feitos de palavras e delas somos inseparáveis. Não há pensamento e nem conhecimento a não ser mediante a linguagem.

Quanto ao ritmo, postula Octavio Paz que este está imbricado com a origem da linguagem, ou seja, todo ritmo pressupõe uma linguagem. Considerando, também, as materialidades constituintes da prosa, todas as expressões verbais são ritmos. À vista disso, esse elemento nos orienta quanto à distinção entre poema e prosa: “Para o poema o ritmo é essencial, ao passo que o ritmo não condiciona a existência da prosa. Sem ritmo não há poema. Só com ritmo não há prosa. O ritmo se dá espontaneamente em toda forma verbal, mas só no poema se manifesta plenamente” (PAZ, 1984, p.82).

Ao tratar da questão da imagem, Paz a concebe como “toda forma verbal, frase ou conjunto de frases, que o poeta diz e que, unidas, compõem um poema”, e que preservam a “pluralidade de significados da palavra sem quebrar a unidade sintática da frase ou conjunto de frases” (PAZ, 1984, p.119). Ou seja, toda imagem possui uma multiplicidade de significados, por vezes, contraditórios à nossa compreensão; no entanto, a imagem acerca realidades diferentes entre si. Ao aproximar significados contrários, a imagem transita pelo (in)consciente. A realidade poética da imagem não aspira à verdade, pois o poema não pretende dizer o que é, mas o que poderia ser, na medida em que se abre a múltiplos significados.

Na segunda parte da obra, no tocante à revelação poética, Octavio Paz traça um paralelo entre a religião e a poesia para tratar de nossa condição original e determinante, por termos nascido despidos e desamparados, cercados pelo desconhecido. De início, a religião ajuda ao homem aceitar-se como realmente é, mortal, mas, em seguida, tenciona ocultar o sentido dessa revelação, ou seja, é “uma resposta que nos encobre aquilo que, em seu primeiro movimento, nos revela” (PAZ, 1984, p.176).

Assim também ocorre com a poesia, que parte da condição humana original e dos fatos que a tornam fortuita: temporalidade e finitude. A poesia trata da vida desse tempo, do agora, pois a arte poética não procura interpretar a situação humana, mas revelar esta condição: “O ato pelo qual o homem se funda e se revela a si mesmo é a poesia”. (PAZ, 1984, p.189). Não interessa o que a palavra poética tem a significar; o enunciar poético é ritmo e temporalidade constante. E, na condição rítmica, é imagem que interpela os opostos num só dizer. A poesia, portanto, afirma simultaneamente a vida e a morte, “nesse instante somos vida e morte, isto e aquilo” (PAZ, 1984, p.189).

Quanto à inspiração, Paz retoma as questões apontadas por Schiller em *Poesia ingênua e sentimental* (1795), o qual divide os poetas em dois grupos: ingênuos e sentimentais. Os ingênuos estão filiados à natureza e seus elementos, nos quais a palavra poética surge naturalmente; eles não se preocupam com os resultados intelectuais e/ou éticos do enunciado poético e seus sentidos; já os poetas sentimentais parecem ter consciência do fazer poético, das técnicas utilizadas e de seus percursos trilhados. Assim, ao poeta ingênuo, tanto fez ou tanto faz a percepção do mundo; ao poeta sentimental, tudo que se percebe é motivo de inquietação, é questionável, inclusive seus próprios sentidos.

Na terceira parte de *O arco e a lira*, Octavio Paz teoriza sobre a relação poesia e história. A suma deste capítulo é: ao mesmo tempo em que as palavras pertencem ao poeta, por outro lado, também pertencem a um povo e suas manifestações histórico-sociais. O poema foi escrito em determinado tempo, mas, a cada (re) leitura, é, de certa maneira, refeito por quem lê, permitindo que seja sempre atual, esteja sempre no tempo presente. A título de exemplo, ao analisar a história dos amores de Safo e a própria Safo, diz Paz (1996, p.53): “São irrepetíveis e pertencem à história; mas seu poema está vivo, é um fragmento temporal que [...] pode reencarnar-se indefinidamente [...] pois já é um mundo completo em si mesmo, tempo único, arquetípico, que já não é passado nem futuro, mas presente”.

Pelos cômodos da edificadora: considerações sobre a poetisa Hironidina Joshua

É no *site* moçambicano *Mbenga Artes e Reflexões*³, também coordenado pela própria

³ Disponível em: <<https://mbenga.co.mz/>>. Acesso em 01 jul. 2019.

poetisa, que encontramos uma síntese do trabalho dessa jovem escritora: Hironidina Juliana Francisco Joshua (Maputo, Moçambique, 31 de maio de 1987), mais conhecida por Hironidina Joshua, é uma das escritoras moçambicanas de relevante destaque na nova geração de autores moçambicanos. Em entrevista concedida em 2017, afirmou que seu contato com a literatura ocorreu por intermédio da Filosofia, ainda no começo de sua adolescência:

Entrei na literatura pela mão da Filosofia. Comecei a ler livros de Filosofia quando tinha 12 anos, mas não num sentido de estudar Filosofia, era uma curiosidade infantil por aqueles livros serem para adultos e os meus pais dizerem que eu não tinha idade para lê-los. A adolescência – a ideia de invasão, “desobediência” e curiosidade. Nestas idades o livro transformou-se de contos de fadas, quadrinhos, para uma coisa que não tinha um final feliz, nem o contrário, mas um processo de conhecimento, uma abertura para outros mundos não transcritos, transpostos por outras pessoas. Uma lente minha a ver o mundo e a lente dos outros. (JOSHUA, *online, blog Tomo Literário*⁴)

Com participação em várias antologias na África, América Latina e Europa, Joshua tem publicado em jornais e revistas de Moçambique, Portugal, Angola, Galiza e Brasil, dentre as quais se destacam as revistas: *Caliban, Zunái, Òmnira, Acrobata, Sirrose, Soletras, TriploV, Courrier des Afriques, Literatas*. Colaborou também com a revista *Missanga*, de Moçambique, e atualmente escreve para as revistas *Pazes, Raízes, Por Dentro d’África, Conti Outra* (Brasil), *Sermos Galiza, Palavra Comum* (Galiza), *Pessoa, Literatura & Fechadura, Mallarmagens* e plataforma cultural *Mbenga Artes e Reflexões* (criadora da coluna *Os Dedos da Palanca* sobre literatura angolana).

São diversas as obras coletivas com participação da autora. Em 2005, a peça de teatro (co-autora), *O Grasnar dos Corvos*. Em 2006, a antologia moçambicana *Esperança e Certeza I*, repetindo sua participação no volume II da mesma antologia em 2008. No ano de 2012, Joshua participa da antologia *A minha Maputo é...*, já no ano de 2014, participa da antologia espanhola *Alquimia del Fuego*. Nesse mesmo ano, recebeu a menção extraordinária do *Premio Mondiale di Poesia Nösside*, na Itália.

No entanto, é de sua obra individual que nos interessamos com mais precisão neste texto. Sob a égide de Mia Couto, no ano de 2016, em seu país, com um prefácio igualmente poético do próprio Couto, Hironidina Joshua lançou *Os ângulos da casa*, publicado pela editora Fundação Fernando Leite Couto; no ano seguinte, 2017, foi a vez do Brasil, tendo esse livro publicado pela editora paulista Penalux.

Logo de início, na composição das epígrafes, Joshua apresenta nominalmente suas

⁴ Disponível em: <<https://tomoliterario.blogspot.com/2017/10/entrevista-hironidina-joshua.html>>. Acesso em 01 jul. 2019.

referências literárias: Fernando Pessoa, Eduardo White, Herberto Helder e Mia Couto, em cujas obras a representação literária da casa é abordada. No *Livro do desassossego* (1982), de Bernardo Soares (um dos heterônimos de Fernando Pessoa), em *Janela para oriente* (WHITE, 1999), em *Poemas completos* (HELDER, 2014) e, em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* (COUTO, 2014), a casa é representada como um lugar distinto para a imaginação poética.

Os ângulos da casa está dividido em duas partes: “interna” e “externa”. A primeira, que recebe o nome do título da obra, é composta por sete poemas, nos quais, as percepções, as emoções são exploradas pelos ângulos da casa, materialidade poética do eu lírico; a segunda parte, sem nome definido, trata de várias temáticas, representadas pela poesia surrealista de Joshua, na qual os sentimentos ultrapassam as quatro paredes, rumo ao mundo externo, ao universo dos pássaros, do fogo, da pedra, do sol, da água, do céu, entre outros elementos que, em sua totalidade, não cabem dentro de uma casa.

“Visitemos, pois, os ângulos desta casa que ela construiu com o redondo da palavra: convite aceito!” Ou um gesto de análise de *Os ângulos da casa*

O convite acima, que nos serve de subtítulo, nos é feito por Mia Couto no prefácio de *Os ângulos da casa*; é um convite a um passeio poético: “Estes poemas convidam-nos a um passeio pelas ruas que às vezes são nossas, uma visita a um quotidiano que, sendo familiar, nos é estranho porque nele se fala um idioma a que Hironidina chama “a língua dos céus” (JOSHUA, 2017, p.7).

Nosso percurso dar-se-á por tão somente a primeira parte *d’ Os ângulos da casa*, pois, conforme já exposto, são os poemas que abordam a representação corpórea, material, mimetizada, de uma residência. Destarte, entremos por onde começa a ambientação enquanto representação, a sala:

Há uma sala pequena que leva ao voo
a cabeça inclina-se devagar
confronta o lado insano da parede
na sala
os móveis desarrumados tornam-se imóveis
diante dos olhos e suas veias
na estante, o tempo rói o dorso do osso
Ai! Que vem a ser isto?
Os móveis mobilizaram suas energias para um ser tão pequeno e

quase sem alma.

Sim, diga-se: *petit* ou minúsculo tanto faz.

Aqui nomes não alteram a combustão do solo.

A terrena condição, fusão da química e física ou electrões e a gravidade. Bem se vê: a verdadeira gravidade e a porta que canta com tons graves a aguda substância da existência. E quem aí está para ouvi-la?

Quem aí está para senti-la? Os dedos se foram, a cabeça se foi, toda biologia se foi. Toda ciência se foi. Resta a “aicnêic”, cá por mim o inverso vale, se é que a isto podemos chamar de: conhecimento sistemático; pondo a coisa motora da metafísica abaixo.

(JOSHUA, 2017, p.17).

Logo no primeiro poema, ao recusar a metafísica [pondo “a coisa motora da metafísica abaixo”], Joshua introduz o leitor em sua poética, a começar pela sala, que, neste contexto ambivalente, não prescinde do seu significado mais primário: espaço de recepção aos convidados, ou ainda, para o jantar. A palavra poética traz em sua esteira uma multiplicidade de significados dispostos a surgir com um simples toque.

Se por obra da poesia a palavra recupera sua natureza original, isto é, sua possibilidade de significar duas ou mais coisas ao mesmo tempo, o poema parece negar a própria essência da linguagem: a significação ou sentido. A poesia seria uma empresa fútil e ao mesmo tempo monstruosa: despoja o homem de seu bem mais precioso, a linguagem, e lhe dá em troca um sonoro balbucio ininteligível. Que sentido têm, se é que têm algum, as palavras e frases do poema? (PAZ, 1984, p.58).

Nessa combinação estética feita com muita originalidade, para imprimir sentimento um tanto ou quanto inquietante ou, no mínimo nostálgico, os sentidos deste ângulo da casa ultrapassam as quatro paredes que comportam o encontro dos moradores – ou com seus visitantes, “pondo a coisa motora da metafísica abaixo”. E, neste lugar de encontros, também há desencontros; neste lugar de presença, a ausência tem voz de destaque: “E quem está aí para ouvi-la? Quem está aí para senti-la?...?”.

O quarto é segunda representação corpórea, materializada como ângulo da casa:

Como se estivesse num quarto todo desarrumado, gavetas

postas ao tecto, janelas ao chão, e o chão fosse parede, e a roupa estivesse estendida dentro do coração, que é a lareira gélida. Essa porta abrirá ao abismo, mas será um abismo do abissal, onde se vê o fundo desse quarto, antes de ser aquilo. (JOSHUA, 2017, p.18).

Ora, em qualquer casa por nós conhecida, a porta que dá acesso ou saída está na sala. Sob os ângulos de Joshua, não! É a porta do quarto que logra dimensão ao desconhecido: “Essa porta abrirá ao abismo, mas será um abismo do abissal”. “O poeta fala das coisas que são suas e de seu mundo, mesmo quando nos fala de outros mundos” (PAZ, 1996, p.54). Nesse ângulo da casa – quarto bagunçado, a porta que dá acesso às profundezas do abismo, como disse Paz, nos leva a outros mundos, que, mesmo sendo para fora, leva-nos de volta para nossa própria residência interna, à nossa (re) existência enquanto ser humano.

É nesse “quarto todo desarrumado” que se encontra a imagem da lareira “ardente”, não de calor, mas de frio, “o coração, que é a lareira gélida”. É a tessitura poética intimista de Joshua enunciando as reações humanas de encantos. O poema sobrepuja-se à linguagem. Na práxis poética do escritor, “o poeta não quer dizer: diz”. (PAZ, 1984, p.134); a força criadora da palavra reside em quem a enuncia – aquele que põe a linguagem em movimento, que, tocada pela poesia, imediatamente, deixa de ser vista como um conjunto de signos composto por seus significados e significantes.

No terceiro ângulo da casa, o espaço privilegiado é constituído pelas escadas:

As escadas deslocam-se para onde o Sol dorme. Atravessam as idades vivas das coisas. Esquecem-se do meio. Matéria orgânica. Para cima e para baixo deslocam corpos do silêncio, apoiando-se nas lâmpadas e nas grandes campainhas da loucura. A imagem vai e volta. Solta a brancura da cura do outro lado. Inclinado um pouco, inclinado o dorso do universo; fala comigo a voz dos olhos do mundo. (JOSHUA, 2017, p.19).

Nesse terceiro poema, os ângulos em xeque são as escadas da casa, essa “imagem [que] vai e volta” é também “matéria orgânica”. Ora, como imagem e materialidade se coadunam? No fazer poético, é imperioso apreender os sentidos da imagem poética: “A imagem explica-se a si mesma” (PAZ, 1984, p.134).

Quando não compreendemos o sentido de determinada palavra, logo procuramos

relacioná-la a outros universos; com o intuito de compreensão, buscamos outros já ditos. Na esteira poética, ocorre o contrário, o sentido da imagem é a própria imagem, não são outras palavras que atribuem sentidos à imagem.

Joshua escreve sobre os compartimentos da sua própria moradia incorpórea e, nessa casa, os moradores “esquecem-se do meio”; essa inquietação leva-nos de volta para dentro da nossa própria existência, para dentro da *casa que habita em nós*. No fazer poético, as palavras e as imagens nos dizem sobre o mundo do poeta, mas dizem também sobre nós mesmos e esse dizer revela o que somos.

O corredor é a quarta representação mimetizada em *Os ângulos da casa*:

O corredor.

Haverá dentro dele uma grande corrida?

Ou cores ou corrimões ou coringas ou cordeiros ou cordas ou concordâncias?

A mão apressa-se para chegar entretanto não há destinos.

A mão é solitária por natureza. E na sua solidão exerce o mundo. O mundo exerce nela a matéria da incompletude. Não é do escuro que a mão tem medo. A mão teme a cegueira da parede. A visão atômica da coisa branca.

A mão em eterna construção cai no tempo. O tempo em eterna construção cai na mão.

(JOSHUA, 2017, p.20).

No exercício analítico empreendido até aqui, sob a ótica de Octavio Paz, compreendemos o poeta como artesão dessa palavra, que a cose, a sutura sob a linha da imaginação. O *corredor* poético de Joshua não cabe na materialidade física de um ângulo da casa,

Quando a palavra é um instrumento de pensamento abstrato, o significado devora tudo: o ouvinte e o prazer verbal. Veículo de intercâmbio, ela se degrada. Nos três casos, se reduz e se especializa. E a causa dessa comum mutilação é que a linguagem se torna para nós utensílio, instrumento, coisa. Toda vez que nos servimos das palavras nós as mutilamos. Mas o poeta não se serve da palavra. É um servo delas. (PAZ, 1984, p.55).

A citação em epígrafe nos esclarece o inescrutável universo de sentidos dados a uma mesma palavra. A reflexão sobre a mutilação, realizada por Paz, carrega em sua esteira a fragmentação, a pluralidade de interpretação a tal palavra. Mesmo na construção da subjetividade do seu eu interior, Joshua inquieta-nos com a possibilidade paradoxal de nos enxergar correndo dentro

deste corredor: “Haverá dentro dele uma grande corrida?” Essa provocação intimista constitui-se como demasiada significação, quando lembramos da liquidez dos dias atuais (BAUMAN, 2006): “A mão apressa-se para chegar, entretanto não há destinos”, em meio a tanta correria, em meio a essa constante fluidez das relações, sintetizamos as impressões poéticas de Joshua a partir da célebre máxima de Oscar Wilde em *O retrato de Dorian Gray*: “Hoje em dia as pessoas sabem os preços de tudo e o valor de nada” (WILDE, 2014, p.61).

A próxima representação corpórea, materializada é a cozinha:

Peneiras e taças nos grandes bebedeiros.

Viciam lá onde posso beber sem as mãos.

A visão que trespassa a matéria táctil.

As rugas da clandestinidade se voltam contra o tempo: o fogão fala, a água ruge.

A paixão aparecem-me dentro como se o meu interior fosse de carne.

Dava os dedos para obter a atenção terrestre.

Ou a luz da Terra toda o ensinamento do símbolo.

Com o cheiro da cacana estonteio no grande espaço desordenado.

Fiz a água que me passa nos dedos.

No fundo do copo, o corpo pesadela.

Há enormes pesos nos pés quando se anda sentado.

A ambição nada vale para um espírito sedento.

Indago-me: onde posso chegar neste lava-louça?

No fundo da parede, uma voz:

— “It is not about quantity...”

(JOSHUA, 2017, p.21).

Esse ângulo poético é representado pelo cruzamento de artifícios de linguagens, principalmente de jogos metonímicos materializados nos móveis e utensílios domésticos: “o fogão fala, a água ruge”, por exemplo. Para Octavio Paz, na criação poética, “Quando um poeta encontra sua palavra, logo a reconhece: já estava nele. E ele já estava nela. No momento da criação, aflora à consciência a parte mais secreta de nós mesmos. A criação consiste em trazer à luz certas palavras inseparáveis ao nosso ser. (PAZ, 1984, p.53).

Nessa mesma esteira proposta por Paz, é que compreendemos as mais variadas figuras de linguagem utilizadas na estética da escrita dos poemas de Hironidina Joshua, aqui alcançadas

por um eu-lírico, que divide com seu leitor os segredos do dizer poético, mesmo que estas palavras rumem para “dentro como se o meu interior fosse de carne”; afinal, essa é a proposta deste passeio poético: encontrar a si próprio, na casa que em nós habita. Assim caminhamos para a varanda, o penúltimo ângulo (re) visitado na casa.

Na varanda.
A testosterona agita os espaços compridos.
Alguém nos acuda.
Ou nos suicidamos neste mistério.
Inferno.
Condição invertida.
Vertida.
Na zona mais fina da densidade.
(JOSHUA, 2017, p.22).

Sem se deslocar tanto do lugar, *Os ângulos da casa* recicla nosso interior com tamanha poesia. “A poesia coloca o homem fora de si e simultaneamente o faz regressar ao seu ser original: volta-o para si. O homem é sua imagem: ele mesmo e aquele outro. Através da frase que é ritmo, que é imagem, o homem - esse perpétuo chegar a ser - é. A poesia é entrar no ser”(PAZ, 1984, p.138).

Ao adentrar no ser, na construção da subjetividade do eu interior, entre vários caminhos percorridos e abordados, Joshua trilha pela poética da sexualidade também⁵: “A testosterona agita os espaços compridos.” “Os laivos de erotismo, presentes em alguns poemas da autora, dão conta de um universo desprovido do feminino emotivo, tendendo mais à manifestação do desejo desromantizado” (PINHEIRO, 2018, p.161).

No derradeiro poema da primeira parte de *Os ângulos da casa*, a representação é dada pela descrição do banheiro:

O vaso sanguíneo se mistura com o vaso sanitário e forjam a
estupidez da merda. Ninguém está a salvo se calhar o encalhado
vaso à esquerda.
Por isso respiro depressa e com os pulmões a ferver.
Temo que me roubem a capacidade para ver os vasos. Ver é se
salvar por via de uma espécie de cegueira.

⁵ Em vários poemas da segunda parte de *Os ângulos da casa*, a autora retoma a essa temática, muito bem analisada nos estudos de Vanessa Rimbau Pinheiro (2018).

O mal da liberdade: ver depressa e temer o esquecimento.

— Experimento a segunda forma:

Vaso sanitário no fundo
com a matéria do mundo.
Órbita demasiado acesa.
Cega.
Entope os canais que levam
à sabedoria ancestral.
Prefiro o fogo
um mundo de caudas flamejantes
e a peremptória raiz da lei geral.
(JOSHUA, 2017, p.23).

À guisa de conclusão, a partir deste último poema da primeira parte de *Os ângulos da casa*, em que “O vaso sanguíneo se mistura com o vaso sanitário e forjam a estupidez da merda”, gostaríamos de afirmar que os sete ângulos descritos, poeticamente intimistas, por Hironcina Joshua seguem a um só batimento: levar-nos de volta para nossa própria residência interior, ou melhor, à nossa (re) existência, de tal modo a nos revelar a essência das coisas, de balde, debaixo sol.

Desta feita, através do “ato pelo qual o homem se funda e se revela a si mesmo [que] é a poesia” (PAZ, 1984, p.189), com a palavra poética em mãos, e ao tratar de aspectos intimistas, Joshua se apresenta ao mundo, reconstrói a casa com o poder do verso e propõe uma reflexão do próprio eu, convidando-nos a visitar a casa que habita em nós outros.

Referências:

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

COUTO, Mia. Desnudar o vazio. In: JOSHUA, Hironcina. **Os ângulos da casa**. Guaratinguetá: Penalux, 2017. p.7.

HELDER, Herberto. **Poemas completos**. Lisboa: Porto Editora, 2014.

JOSHUA, Híronina. **Os ângulos da casa**. Maputo, Moçambique: Fundação Fernando Leite Couto, 2016.

JOSHUA, Híronina. **Os ângulos da casa**. Guaratinguetá: Penalux, 2017.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PAZ, Octavio. A consagração do instante. In: _____. **Signos em rotação**. 7. ed. Tradução de Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996. p.51-62.

PESSOA, Fernando. **Livro do desassossego por Bernardo Soares**. Organização de J. P. Coelho e transcrição de M. A. Galhoz e T. S. Cunha. Lisboa: Ática, 1982.

PINHEIRO, Vanessa Neves Riambau. Entre fronteiras marítimas e corpóreas: apontamentos sobre os rumos da poesia moçambicana contemporânea. **Soletras**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – PPLIN/UERJ, Rio de Janeiro, n. 36, p.148--165, jul./dez., 2018.

SCHILLER, Friedrich. Poesia ingênua e sentimental. In: PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Trad. Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p.194-196.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. Trad. Lígia Junqueira. 3. ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

WHITE, Eduardo. **Janela para oriente**. Lisboa: Editora Caminho, 1999.